

Exclusivo Gustavo Veloso termina a carreira este domingo: "O líder não é só o que ganha corridas"



Fotografia: Miguel Pereira/Global Imagens

Carlos Flório

05 Setembro 2021 às 09:51

ENTREVISTA PARTE I - Fez 12 dos 20 anos de carreira em Portugal, foi seis vezes ao pódio da Volta e liderou a W52-FC Porto cinco épocas. Faz hoje a sua última etapa, no Grande Prémio JN, e despediu-se em entrevista a O JOGO

Gustavo César Veloso tem 41 anos, é um galego de Vilagarcía de Arousa, venceu por duas vezes a Volta a Portugal (2014 e 2015), mas foi segundo em 2020, 2016 e 2013, terceiro em 2019, venceu 12 etapas e vestiu 23 vezes a camisola amarela. Termina hoje uma carreira de 20 anos como profissional, 12 deles no pelotão português e oito na equipa que atualmente se denomina W52-FC Porto. A O JOGO, falou de uma despedida feliz.



Fez a última época pelo Atum General-Tavira apostando em ganhar mais uma Volta a Portugal. Entre o trabalho para o colega Alejandro Marque e uma queda, nunca esteve perto disso. Foi uma desilusão?

-De maneira nenhuma. Sou profissional e sei analisar as situações. Era uma aposta e não foi desilusão, porque na Serra da Estrela demonstrei que estava em condições de discutir a Volta. A equipa fez uma grande etapa e ganhou. No dia seguinte, ao cair, percebi que ia perder tempo e a aposta tinha de passar pelo Marque.

Ganhou duas Voltas e fez mais quatro pódios, todos atrás de colegas. Poderia ter vencido mais vezes?

-Houve Voltas em que foi preferível apostar num colega para a equipa ganhar. Nunca fiz nada que não gostasse que me fizessem. Ser um atleta profissional é isso. Orgulho-me mais pela forma como perdi essas Voltas do que se as tivesse ganho criando problemas na equipa. Aliás, se mudei para o Tavira foi porque sabia que, na equipa anterior, se um colega estivesse melhor teria de o respeitar. Queria mais alguma liberdade. Encontrei um grande ambiente no Tavira e também o grande amigo de muitos anos, o Marque. Vou embora satisfeito. Mais do que ganhar ou perder, creio que deixei uma imagem de atitude e profissionalismo. Tive a carreira que nunca sonhei. Pensava ganhar mais alguma Volta, mas fazer seis pódios não é fácil.

A imagem que fica é de quem sempre pensou nos colegas. É verdade que teve um ano em que deixou de receber para que pagassem primeiro aos outros?

-Sim, porque o líder não é só o que ganha corridas. Para que uma equipa funcione tem de existir esse espírito dentro e fora da estrada. Nessa altura, os colegas valorizaram o que fiz.



Os valores sempre foram importantes para si?

-Pode dizer-se que sim. Enquanto atletas temos de saber que somos vistos como um exemplo por muitas crianças. Temos de saber viver dando exemplos.

Não fica a amargura de não feito uma Volta a França?

-Pensei nisso, por vezes. E se calhar lamento mais nunca ter ido a clássicas como Volta à Flandres e Paris-Roubaix. Mas quando chegas a uma certa idade, e sabendo que fiz o Giro e a Vuelta, aprendes a valorizar outras corridas. Aprendi a desfrutar da Volta a Portugal, fiz muitos amigos, e isso é mais importante.

Tem alguma mensagem de despedida?

-Só tenho uma palavra: obrigado! Tudo o que consegui, nestes 20 anos, foi graças a adeptos, colegas e rivais. É a eles que agradeço o privilégio de ter feito aquilo de que gosto.

"Era do FC Porto, mas fui aplaudido por sportinguistas"

Em 2016, quando a W52 se ligou ao FC Porto, Gustavo Veloso era o líder. "A nível profissional não senti diferenças. Nem sequer a pressão de um grande clube, pois sempre tive a de um atleta que pretende sempre o melhor resultado. A única diferença foi a nível mediático. Passámos a ser conhecidos por mais pessoas, a ter adeptos de fora do ciclismo, mais gente na estrada a aplaudir", conta sobre os cinco anos em que vestiu de azul e branco, destacando o que mais lhe agradou: "Com o Sporting havia a rivalidade de grandes clubes, mas felizmente no ciclismo existiu sempre muito respeito. Lembro-me de ser aplaudido por adeptos do Sporting e de ver adeptos do FC Porto a aplaudir ciclistas do Sporting. Foi um exemplo".

Início / Modalidades/ **Ciclismo**

Exclusivo Gustavo Veloso: "Estou a terminar uma carreira e ainda não acabei de pagar a casa"



Gustavo Veloso homenageado no Grande Prémio JN

Fotografia: Miguel Pereira/Global Imagens

Carlos Flório

05 Setembro 2021 às 16:45

TÓPICOS

Ciclismo

Modalidades

ENTREVISTA PARTE II - Fez 12 dos 20 anos de carreira em Portugal, foi seis vezes ao pódio da Volta e liderou a W52-FC Porto cinco épocas. Faz hoje a sua última etapa, no Grande Prémio JN, e despediu-se em entrevista a O JOGO

Gustavo Veloso não sabe o que vai fazer. Parte rico em experiências, não em dinheiro, que tem a casa por pagar

Que vai fazer agora?

-Sei lá! Para já vou desfrutar de um tempo com a família e depois pensar nisso. Gostava de continuar ligado à modalidade, mas há muitas formas de o fazer. Pode ser numa estrutura profissional ou numa escola de ciclismo, como treinador. Não vou ter pressa.

De que mais gostou no ciclismo?

-A oportunidade de conhecer pessoas. Cumprir o sonho de correr Volta a Portugal, a Espanha e a Itália, de estar ao lado dos meus ídolos de criança, das viagens que fiz com o ciclismo. Tudo isso é riqueza.

"F... Isso não! Saio menos pobre do que entrei. Estou a terminar uma carreira e ainda não acabei de pagar uma casa. O meu palmarés, em tempos mais antigos, valeria muito dinheiro"

Também sai rico em dinheiro?

-F... Isso não! Saio menos pobre do que entrei. Estou a terminar uma carreira e ainda não acabei de pagar uma casa. O meu palmarés, em tempos mais antigos, valeria muito dinheiro. Mas apanhei épocas com ordenados sempre a descer. Melhorou um bocadinho quando entraram FC Porto e Sporting, mas só um bocadinho. Dá para viver, talvez viver bem, mas nenhum ciclista do pelotão português vai embora rico.

Foram 12 épocas em Portugal, marcadas por uma paixão pela Volta a Portugal. Gustavo Veloso já se sente cidadão de dois países e dá um conselho a todos os atletas que estão em equipas portuguesas

"Falar português é uma questão de respeito"



Podemos dizer que é o mais português dos ciclistas espanhóis?

-O Alejandro Marque anda por cá há tantos ou mais anos do que eu. Estou confortável neste país e já nem sei se falo português ou galego. Sinto-me tão português como espanhol.

Tentou sempre falar português, mas nunca perdeu o sotaque...

-Tenho uma dificuldade: o galego é muito parecido e misturamos os idiomas. Há palavras que são iguais, mas soam de forma diferente. Só conseguiria um português perfeito se vivesse mesmo cá. É como com os brasileiros.

Aconselharia os atletas espanhóis que vêm para Portugal sobre a importância de falar a língua?

-Ser ou não atleta pouco importa: devemos falar português por uma questão de respeito. Se estou a trabalhar numa equipa portuguesa devo fazê-lo. A melhor forma de integração é pelo idioma. Eu sou o que vem de fora, tenho de me adaptar. Quando vamos a Inglaterra, falamos inglês.

Como surgiu a paixão pela Volta a Portugal?

-Fiz-me profissional em 2001, pelo Boavista. Era jovem, estive lá três anos e só em 2003 consegui correr a Volta a Portugal e fiquei impressionado. Com tudo. A organização, a corrida em si, a velocidade, ver tantos adeptos na estrada, ter aquele entusiasmo na Senhora da Graça... Por onde passa a Volta, é uma festa. Isso cria a paixão. Nunca imaginava, naquela altura, que iria um dia discutir a Volta, mas evoluí como atleta. Fiz uma carreira em Espanha, melhorei as minhas prestações e voltei em 2006 para ganhar uma etapa e vestir a camisola amarela. Quando regresssei, mais tarde, já tinha Voltas a Espanha e Itália. Como fiquei sem equipa e queria continuar a correr, decidi regressar para discutir a Volta. Na altura a decisão era: se correr bem, continuo; caso contrário, faço um ano ou dois e termino a carreira. Foi até hoje...
